



# ESTUDO SOBRE A LINGUAGEM VISIONÁRIO-APOCALÍPTICA CONTIDA NA NARRATIVA BÍBLICA DO LIVRO DE DANIEL

*Bianca Martins da Silva<sup>1</sup>, Elton Vinícius Sadao Tada<sup>2</sup>*

**RESUMO:** O presente trabalho está voltado à análise do estudo da literatura apocalíptica (visionária) mística em Daniel, que é um dos vários profetas do Antigo Testamento. A sua vida e profecias estão incluídas na Bíblia no Livro de Daniel. O significado do nome é "Aquele que é julgado por Deus" ou "Deus assim julgou", ou ainda, "Deus é meu juiz". O livro de Daniel possui um tipo de apocalipse historicamente orientado, que sintetiza a extensão da história e descreve um julgamento de proporções cósmicas. Assim, esse projeto de pesquisa surgiu do questionamento sobre quais são as "teorias" relatadas no livro de Daniel e a que elas se aplicam. Para isso, toda essa pesquisa está baseada no livro de Daniel, por meio da interpretação dos dados apocalípticos contidos no livro de Daniel.

**PALAVRAS-CHAVE:** Apocalipse, Daniel, Literatura apocalíptica, Visões.

## 1 INTRODUÇÃO

O Livro de Daniel contém um registro de certos incidentes históricos da vida de Daniel e de seus três amigos, judeus deportados que estavam ao serviço do governo de Babilônia, e o registro de um sonho profético do rei Nabucodonosor, interpretado por Daniel, juntamente com o registro de visões recebidas pelo mesmo profeta. O sonho profético do rei Nabucodonosor, ao ser interpretado por Daniel, teria sido revelado que Deus havia concedido ao rei o que há de ser nos fins dos dias (Daniel 2:28).

A palavra apocalipse remete tanto ao sentido religioso no Livro da Bíblia com as revelações feitas a João ou discurso assustador, obscuro ou profético, que é o que está contido no livro de Daniel. Nesse caso, esse trabalho tem como temática o apocalipse baseado no livro de Daniel e procura relatar quais foram as visões e profecias, o que elas significaram para a época e o que elas significam hoje.

Essa pesquisa buscou entender o que o livro de Daniel expõe sobre o fim dos tempos, aplicando uma análise literal de tudo que nele está escrito, levando em conta a cultura Babilônica de modo que a compreensão sobre o apocalipse fosse a mais próxima possível da semântica original.

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Teologia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Cesumar (PROBIC). [bia\\_martins5@hotmail.com](mailto:bia_martins5@hotmail.com)

<sup>2</sup> Orientador, Docente Mestre do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR. [elton.tada@cesumar.br](mailto:elton.tada@cesumar.br)



Embora alguns pesquisadores afirmem que hoje nós temos vantagens em relação as literaturas apocalípticas, porque seria possível notar aquilo que já se cumpriu e aquilo que não, isto ainda é um fator duvidoso, já que para o povo, devido ao espanto na época em que o texto foi escrito, acredita-se que eles entenderam perfeitamente tudo o que havia sido escrito, ou seja, para eles toda a simbologia era clara, para nós, a maioria delas não.

O Livro de Daniel foi escrito num tempo em que os judeus estavam sendo oprimidos e perseguidos por povos pagãos. O livro é chamado de “apocalíptico” porque trata de acontecimentos relacionados ao fim do mundo. Esses acontecimentos são revelados ao profeta por meio de visões e sonhos. O profeta procura explicar ao povo de Deus por que eles estão sendo perseguidos e ao mesmo tempo, ele os exorta a serem fiéis a Deus. Pois virá o dia em que Deus acabará com o domínio dos pagãos e, mais uma vez, Israel será uma nação livre e independente.

Na Bíblia Hebraica (Tanak), o Livro de Daniel não aparece entre os profetas (Nebiim), mas com os escritos (Ketubim).

Daniel era um dos judeus que foram levados presos para a Babilônia por Nabucodonosor, que foi rei da Babilônia de 605-562 a.C. Daniel viveu na Babilônia durante os reinados de Belsazar (cap. 5;7-8), de Dario, filho de Xerxes (cap.6 e 9), e de Ciro, rei da Pérsia, que, em 539 a.C., conquistou a Babilônia e se tornou rei do país (cap.10). Segundo esses dados cronológicos, o livro foi escrito depois de 536 a.C.. No entanto, muitos especialistas bíblicos acham que o livro foi escrito depois da profanação do Templo por Antíoco IV Epífanes (I e II Macabeus), rei da Síria 174-165 a.C.

O conteúdo do livro se divide em duas partes. A primeira são histórias a respeito de Daniel e dos seus três companheiros, que estavam vivendo na Babilônia, para onde haviam sido levados como prisioneiros pelo rei Nabucodonosor. Em meio a muitas provações, eles continuaram firmes na sua fé em Deus e obedeceram às suas leis. Eles ganharam a aprovação do rei, e ele colocou os três amigos de Daniel em cargos muito importantes na Província da Babilônia (3.30). Daniel, foi feito a terceira autoridade mais importante do reino (5.29;6.28). A segunda, contém as visões de Daniel, que tratam de impérios que aparecem e depois desaparecem. Essas visões deixam bem claro que os perseguidores serão derrotados e que a vitória final será do povo de Deus.



Embora, segundo o próprio texto, o livro de Daniel pertença ao século 6 a.C., a maioria dos estudiosos não acredita que o livro tenha sido escrito neste período. Eles optam por um autor do século 2 a.C., que teria se baseado em histórias bem conhecidas e acrescentado as visões, para atualizar o texto. A discussão deste assunto é um tanto complexa e diz respeito principalmente a questões de natureza histórica e ao uso de duas línguas, já que o livro possui a sua parte central em aramaico e o restante em hebraico.

O ponto crucial é determinar se os detalhes do capítulo 11 devem ser considerados profecia ou apocalíptica, feita 400 anos antes ou não.

Daniel havia sido levado para a Babilônia antes da primeira leva de cativos, possivelmente alguns anos antes de Ezequiel (outro profeta bíblico). Ele pertencia a uma família nobre (possivelmente real) e tinha inteligência e habilidades fora do comum. O papel de Daniel nas histórias que compõem a primeira parte do livro é tanto de estadista quanto de profeta.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

O material utilizado foi basicamente o livro de Daniel e alguns materiais de apoio que fazem referência a literatura apocalíptica, linguagem apocalíptica e linguagem profética.

É necessário observar a tônica principal na profecia dada por Daniel. Alguns pesquisadores resumem esses fatores da seguinte forma. Em primeiro lugar toda a profecia se relaciona ao “povo” e à “cidade” de Daniel, isto é, a nação de *Israel* e a cidade de *Jerusalém*.

O capítulo 1 relata que Daniel chegou à Babilônia em 605. Uma boa aparência e habilidade natural garantiram a ele e seus amigos um lugar entre os selecionados para treinamento especial. Mas os babilônios não seguiam as leis judaicas relativas a alimentos puros e impuros (Levítico 11), nem deixavam o sangue escorrer quando abatiam os animais (Levítico 17:10-16). Apesar de jovens, Daniel e seus amigos estavam determinados a não contemporizar quando o assunto era religião. Assim, sua única alternativa era limitar-se a uma dieta vegetariana, e isso lhes fez muito bem. Em 605 a.C. Depois de derrotar o Egito em Carquemis, Nabucodonosor atacou Jerusalém. Daniel e



outros foram feitos reféns, para garantir o bom comportamento do rei Jeoaquim, que fora colocado no trono pelo Faraó egípcio. Daniel usa o sistema babilônico para datar o reinado de Jeoaquim, começando com o ano seguinte ao do início do governo. Assim, “no terceiro ano” aqui é o mesmo que quarto ano (Jeremias 25:1; 46:2) no sistema Palestino. O ano do decreto que repatriou os exilados teria sido 539 a.C.

O capítulo 2 apresenta o primeiro grande desafio de Daniel. Ele era recém-formado quando teve que enfrentar este desafio. A interpretação de sonhos era uma das funções dos magos da Babilônia e de outros lugares (versículo 2). Mas qualquer pessoa pode inventar uma interpretação, e ninguém saberia qual seria a correta; assim, Nabucodonosor criou seu próprio teste. Daniel acreditava que Deus podia revelar tanto o sonho quanto o seu significado e, em fé, pediu que isto lhe fosse concedido.

A imagem representava quatro impérios mundiais, começando no presente e se estendendo ao futuro. As duas interpretações mais aceitas são: Babilônico, Medo-Persa, Grego e Romano, ou, Babilônico, persa, Medo e Grego. A primeira é mais condizente com a situação histórica e com o fato de que Cristo (o reino de Deus) chegou no período romano. A segunda teoria tem o mérito de que a maior parte de Daniel (capítulo 7 ao 12) refere-se ao período grego. No versículo 4 do capítulo 2 o texto muda do hebraico para o aramaico, continuando assim até o capítulo 7 versículo 28.

O capítulo 3 relata que Nabucodonosor, esquecendo que reconheceria o Deus de Daniel como o Deus supremo, construiu uma estátua de 27 metros de altura e exigiu que todo o povo viesse adorá-la (é possível que o deus babilônico para o qual Nabucodonosor fez uma estátua de ouro fosse Marduque). Mas os amigos de Daniel não acataram essa ordem. Havia um só Deus, e a sua Lei proibia que se adorasse qualquer outra divindade (Êxodo 20:3). Eles sabiam que Deus *podia* libertá-los de uma morte terrível, embora não soubessem se ele *queria* fazê-lo (versículo 17). Apesar disto, eles não o negaram (versículo 18). Neste incidente, as chamas mataram aqueles que os lançaram na fornalha, e queimaram as cordas que os atavam, e uma aparência divina passeava com eles no meio do fogo. A fornalha seria um forno de olaria (provavelmente para queimar tijolos), aberto em cima e com uma porta lateral; através desta abertura o rei podia ver os homens. E novamente o rei se viu obrigado a adorar o Deus deles.

No capítulo 4, o próprio Nabucodonosor autentica esta história extraordinária. Talvez percebendo que este sonho era contra ele mesmo, não recorreu de imediato a



Daniel (versículo 6 a 8). Ele novamente buscou a interpretação nos outros sábios da Babilônia.

Sobre a doença de Nabucodonosor, o psiquiatra Dr. M. G. Barker vê no caso de Nabucodonosor as características “de uma doença depressiva com acessos relativamente agudos e crenças ilusórias de natureza mórbida”. Nos tempos antigos, quando ainda não havia as formas modernas de tratamento, diz Barker, “a maioria dessas doenças diminuía espontaneamente de intensidade no período de um ano, dois, ou mais. A forma do delírio (uma pessoa assumindo uma identidade animal) não é comum atualmente.

No capítulo 5, a Babilônia possui um novo rei. Nabonido (556-539 a.C.) foi o último rei da Babilônia. Mas bem no início de seu reinado ele foi para a Arábia, deixando seu filho Belsazar como regente (o que explica o fato de Daniel ser “o terceiro no reino”), (versículo 16).

No ano 539 a.C., 23 anos após a morte de Nabucodonosor. O grande banquete no palácio ia bem até uma mão misteriosa começou a escrever na parede. Três palavras foram escritas. Eram medidas ou unidades monetárias: “mene (uma mina), mene (uma mina), tequel (um siclo), parsim (meio siclo)”. Daniel, aqui já idoso, foi convocado para fazer a interpretação. E ele buscou o significado do radical das palavras: “contar”, “pesar”, “dividir”. Os dias do rei estavam realmente contados. Naquela mesma noite, Ciro, o rei dos persas, tomou a inexpugnável cidade da Babilônia, desviando (segundo relatos de historiadores) o curso do rio Eufrates e entrando pelo leito seco do rio, enquanto os babilônios estavam fazendo uma festa em honra aos seus deuses.

O capítulo 6 relata que, ao longo de toda a sua vida, Daniel havia sido um homem de Deus. Agora estava com seus oitenta anos e seus inimigos ainda não conseguiam incriminá-lo. Só poderiam encontrar alguma coisa que tivesse a ver com a religião dele (versículos 4 e 5). Ele talvez tenha deixado de orar por um mês, ou fazia suas orações em segredo. Mas, fiel aos princípios que seguia desde sua infância, ele não estava disposto a fazer concessões. E foi assim que seus inimigos o apanharam. O rei tinha as mãos amarradas pelo decreto que ele próprio havia feito. Daniel foi lançado em uma cova com leões, porém não sofreu dano algum.



Alguns pesquisadores relatam que para Daniel e seus amigos, a onipresença de Deus não havia sido revelada, por isso, Daniel fazia suas orações com uma janela aberta em direção a Jerusalém, tendo ele esperança de que Deus ouvisse sua oração.

O capítulo 7 do livro de Daniel, marca um relato apocalíptico. Como no capítulo 2, a primeira visão de Daniel é uma representação simbólica da história. Novamente aparecem quatro impérios sucessivos, e depois seria estabelecido o reino de Deus. O leão com asas de águia é a Babilônia, e o versículo 4 descreve Nabucodonosor. O versículo 6 se refere ao império grego de Alexandre Magno, que, por ocasião da morte deste, foi dividido entre seus quatro generais. Seleuco fundou uma dinastia na Síria. Ptolomeu fundou uma dinastia no Egito. Os outros dois reinos seriam a Grécia e a Ásia Menor. Os “dez chifres” (capítulo 7, versículo 24) correspondem aos dedos dos pés da estátua do capítulo 2, mas a sua identificação precisa é questão controversa.

Os versículos 9-12 descrevem o juízo de Deus sobre os impérios mundiais. Nos versos 13-14, Deus dá o domínio total a “um como um filho de homem”. “Filho do Homem” passaria a ser a autodenominação favorita de Jesus. O reino inaugurado com a primeira vinda de Cristo será plenamente realizado quando ele vier outra vez (Mateus 26:64).

Opondo-se ao povo de Deus de várias formas no decorrer da história está o “pequeno chifre” (capítulo 8:20-21), que atua até que Deus finalmente destrua o seu poder. É neste capítulo que Apocalipse 13 baseia o seu simbolismo.

Daniel capítulo 8, o carneiro e o bode. Neste ponto o texto volta a ser escrito em hebraico (do capítulo 2:4 até aqui o texto vem sendo escrito em aramaico). A segunda visão focaliza o segundo e terceiro impérios. O carneiro de dois chifres, que simboliza o império medo-persa, seria suplantado pelo bode veloz (o império grego de Alexandre). O “Grande chifre” é o próprio Alexandre. Os “quatro chifres” são os reinos em que seu império foi dividido. O pequeno chifre, neste capítulo, refere-se a Antíoco IV, que governou a Síria de 175 a 164 a.C. Os versículos 9-14 descrevem vividamente as atrocidades do seu reinado (capítulo 11), que provocaram a revolta dos Macabeus. I Macabeus 1-6 (que faz parte dos livros deuterocanônicos) relata este período da história judaica. No versículo 19 do capítulo 8, marca o “fim”. Isto geralmente se refere ao final da história e ao juízo final. Mas o versículo 26 relaciona a visão com o futuro distante, e o versículo 19, com o período em que o sofrimento teria terminado. Os escritores da Bíblia



muitas vezes parecem deixar o tempo de lado, vendo acontecimentos contemporâneos e futuros como um aspecto dos eventos plenos e definitivos do “fim”.

O capítulo 9 do livro de Daniel, relata a oração de Daniel. A data é de 538 a.C. A Babilônia praticamente havia dominado Judá desde a batalha de Carquemis, em 605. O cativo de 70 anos, previsto por Jeremias, estava quase no fim. Daniel pede a Deus o retorno do seu povo a sua terra natal. Ele se identifica com o seu povo, compartilhando a culpa pelo pecado (5-17), e seu pedido se baseia unicamente na misericórdia de Deus (18). A oração dele seria respondida naquele mesmo ano, mas as dificuldades de Israel não haviam acabado. Agora Deus mostra a Daniel algo do que estava por acontecer no futuro.

Os versículos 24-27 são muito difíceis, e várias interpretações já foram sugeridas. Deus determinou um período de  $70 \times 7$  (“setenta semanas de anos”), no qual a salvação do seu povo será completada (24). Para os judeus, o número sete como tal simbolizava totalidade, perfeição. Assim, talvez seja melhor considerar os números simbolicamente, embora o período de tempo entre o decreto para a restauração de Jerusalém e o início do ministério de Jesus (25) fique bem próximo das  $7 + 62$  semanas = 483 dias, representando o mesmo número de anos. Este é o total obtido se os números forem interpretados literalmente (embora haja mais de um ponto de partida possível, e apesar da data final não ser absolutamente fixa). O versículo 26 parece apontar para a morte e rejeição de Cristo e a destruição do Templo em 70 d.C., com uma referência mais ampla ao fim. Mas o assunto do versículo 27 não é totalmente claro. Alguns entendem que “Ele” é o Messias, ao passo que outros pensam tratar-se do príncipe destruidor do versículo precedente.

O capítulo 10, narra a história de Daniel e o anjo. Após um longo jejum, Daniel teve uma visão impressionante de uma figura gloriosa, muito parecida com a visão de Cristo que João teve em Apocalipse 1: 12-16. Ele recebeu discernimento sobre a batalha contínua que ocorre no âmbito espiritual entre os que protegem o povo de Deus e os que estão determinados a destruí-lo (Efésios 6:12). Miguel é o anjo da guarda especial do povo judeu (12:1). Os “príncipes” neste capítulo são os anjos protetores das diversas nações.

No capítulo 11, é narrado a luta pelo poder. Este capítulo apresenta um registro detalhado da luta que ocorreu nos períodos persa e grego. É claro que, para quem pensa



que o livro de Daniel foi escrito após esses acontecimentos, este capítulo não se constitui em profecia no sentido real da palavra. Ainda assim, a intenção seria declarar que Deus tem conhecimento e controle total de toda a história.

Ainda haveria mais três reis persas (2; Cambises, Gaumata e Dario I), seguidos por um quarto (Xerxes). Xerxes invadiu a Grécia, mas foi derrotado em Salamina, no ano de 480 a.C. O poder então passou para a Grécia (3-4 capítulo 7). O versículo 5 refere-se ao Egito (o “rei do sul”) e a Seleuco, ex-general de Ptolomeu, que se tornou o “rei do norte”, o poderoso reino da Síria e do oriente. Cinquenta anos depois (6), a filha de Ptolomeu II casou-se com Antíoco II da Síria. Mas ela foi repudiada e assassinada, e seu irmão vingou a morte dela, atacando a Síria (7). Os versículos 9-13 refletem as lutas entre as duas potências ao final do século 3 a.C. Os judeus então se aliaram com Antíoco II da Síria para derrotar o Egito (14-15), no que obtiveram êxito (16). Antíoco fez uma aliança com Ptolomeu V (17). Antíoco invadiu a Ásia Menor e a Grécia, mas foi derrotado pelos romanos em Magnésia em 190 a.C. (18-19).

O extrator ou “oficial para cobrar impostos” (20) era seu filho Seleuco IV, que logo foi sucedido por seu irmão Antíoco IV, o perseguidor dos judeus. Os versículos 21-24 descrevem bem seu caráter e sua política. Valendo-se da traição de homens ligados a Ptolomeu, Antíoco em breve retomou o controle do Egito, em 173. Ao retornar do Egito, atacou Jerusalém e massacrou 80.000 judeus (25-28). Da próxima vez que atacou o Egito, foi barrado pela frota romana (29-30). Voltou-se novamente contra Jerusalém e profanou o Templo (31). Ele teve a ajuda de alguns judeus, mas outros se recusaram a fazer concessões em matéria de fé, e morreram por isto (32-33). Judas Macabeu instigou uma revolta bem sucedida, ajudando os fiéis (34).

Os versículos 36-45 não descrevem eventos reais do final da vida de Antíoco. Devem se referir, isto sim, ao fim do domínio sírio com a chegada dos romanos, o novo rei do norte. Ou podem antecipar eventos do fim dos tempos (capítulo 8, versículo 17), prenunciados pelo sofrimento do povo de Deus sob Antíoco. E isto nos leva ao capítulo 12.

O capítulo 12 do livro de Daniel é o primeiro livro do Antigo Testamento a falar explicitamente da ressurreição de indivíduos (versículo 2). Quando aquele dia chegar, e toda a terrível desgraça tiver passado, aqueles que forem sábios em fiel obediência a





Deus ressuscitarão para sempre. Todo mal será eliminado. Mas quanto ao tempo, este está nas mãos de Deus. Nem mesmo Daniel entendeu isso (versículo 6-8).

De fato, as partes mais interessantes do livro de Daniel para este trabalho, é a parte apocalíptica do Livro. Esta parte se encontra do capítulo 7 ao capítulo 12.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O livro de Daniel é de caráter apocalíptico porque todas as visões, ou seja, as profecias, remetem ao fim dos tempos, por isso, ele não pode ser classificado apenas como profético.

O livro costuma ser estudado, junto ao livro dos Macabeus, pois assim, a compreensão histórica fica mais fácil, além de mostrar especificamente as marcas históricas, logo, aquilo que não for histórico passa a ser apocalíptico.

A segunda parte do livro, (Dn 7-12), em linguagem figurada, própria da apocalíptica, o autor divide a história em etapas, mostrando o conflito entre as grandes potências. Ressalta que se aproxima a última etapa da história: o Reino de Deus está para ser implantado; por isso, é preciso ter ânimo e coragem para resistir ao opressor, permanecendo fiel, ou seja contém as seguintes visões: capítulo 7 - as quatro feras; capítulo 8 - o bode e o carneiro; capítul. 9 - as setenta semanas; capítulos 10 a 12 - Tempo da cólera e Tempo do fim, além das disputas do Rei do Norte com o Rei do Sul.

A visão dos quatro monstros podem ser quatro reis (7:17). Depois deles, vem um ser parecido com um homem (7:13), que representa o povo do Deus Altíssimo (7:27). Essa visão lembra o sonho de Nabucodonosor (2: 31-35) e alguns dos elementos dela reaparecem no Livro de Apocalipse (12:3; 13:1-6; 17:8). Nessa visão, Daniel viu “aquele que sempre existiu” sentado no seu trono, no céu, pronto para julgar a humanidade. A explicação das visões dá mais atenção ao quarto monstro e especialmente ao chifre, que procurou derrotar o povo de Deus.

A visão do carneiro e do bode diz respeito ao tempo do fim (17,19) e é explicado pelo anjo Gabriel (15-27). O anjo Gabreil explica a visão do carneiro e do bode, dizendo a Daniel que “ela é a respeito do tempo do fim” (17). Esta visão seria limitada a três anos e meio, um tempo de sofrimento e perseguição. Um carneiro que tinha dois chifres



compridos, seria a representação dos reis da Média e da Pérsia. O chifre mais comprido, seria a Pérsia, que no tempo de Ciro, passaram a ter mais poder do que os medos. Um bode, seria a representação de Alexandre, o Grande, que se tornou rei da Grécia em 336 a.C. (21). Seu chifre foi quebrado (Alexandre, o Grande, morreu em 323 a.C., aos 33 anos de idade). Nasceram quatro chifres compridos, (os quatro chifres representam os quatro generais que dividiram entre si o império de Alexandre: Cassandro (Grécia), Lisímaco (Ásia Menor), Antígono (Síria), Ptolomeu (Egito). O chifre pequeno seria Antíoco IV Epífanes, rei da Síria de 175 a 164 a.C. Em 167 a.C., ele conquistou Jerusalém e procurou acabar com a religião dos judeus, proibindo a circuncisão e profanando o Templo. Em cerca de aproximadamente três anos e meio, o Templo foi purificado por Judas, o Macabeu, em dezembro de 165 a.C. três anos depois de ter sido profanado.

As setenta semanas. Nesta oração (9:1-19), Daniel confessa a Deus seus próprios pecados e os do seu povo (4,20). Ele estava preocupado com a profecia de Jeremias a respeito dos setenta anos que Jerusalém ficaria arrasada e pediu a Deus que restaurasse o Templo (17-20). Daniel ainda estava orando quando Deus, e Deus mandou uma resposta. Em linguagem nem sempre clara e explícita, o anjo Gabriel explica a profecia.

O significado da semana deve ser apurado. A palavra hebraica é *shabua*, que literalmente significa “sete”. Desse modo o versículo 24 do nono capítulo afirma simplesmente que “setenta setes estão determinados”, e o que são estes “setes” deve ser definido pelo contexto e por outras passagens das Escrituras.

Os judeus tinham um “sete” de *anos* bem como um “sete” de *dias*. E essa “semana bíblica de anos era tão conhecida dos judeus quanto uma “semana” de dias. Era, em alguns aspectos, até mais importante. Existem vários motivos para acreditar que as “setenta semana” da profecia de Daniel referem-se ao bem conhecido período de “sete” anos. Em primeiro lugar, o profeta Daniel estava pensando não apenas sob o aspecto de anos em lugar de dias, mas também em um múltiplo exato de “setes” (10 x 7) de anos (1,2). Em segundo, Daniel também sabia que a duração do cativeiro babilônico baseava-se na violação judaica da lei do anos sabático. Visto que, de acordo com 2 Crônicas 36:21, os judeus foram retirados da terra para que ela pudesse descansar por *setenta* anos, deveria ser evidente que o ano sabático havia sido violado por 490 anos, ou exatamente setenta “setes” de anos. Também é necessário observar, que o ano nas passagens proféticas é composto por 360 dias. Foi dito a Daniel que esse período de 490



anos esta determinado para “sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade” (24). As Escrituras trazem vários decretos relacionados à restauração dos judeus do cativeiro babilônico. Houve o decreto de Ciro em 2 Crônicas 36:22,23 e em Esdras 1:1-3, o decreto de Dario em Esdras 6:3-8 e o decreto de Artaxerxes em Esdras 7:7. Contudo, todas essas permissões foram cedidas para a reconstrução do templo, e nada foi dito sobre a reconstrução da cidade. Em Esdras 4:1-4 a reconstrução do templo foi interrompida porque os judeus estavam reconstruindo a cidade sem autorização. Em nenhum desses decretos a condição de Daniel 9:25 foi realizada. Quando examinamos o decreto de Artaxerxes, estabelecido no seu vigésimo ano e registrado em Neemias 2:1-8, vemos que é dada permissão para a reconstrução de Jerusalém. Esse constitui o início do período profético indicado por Deus nessa profecia. Se as setenta semanas começam com o decreto da reconstrução de Jerusalém e terminam com a entrada triunfal em Jerusalém no domingo da morte de Jesus. Existem várias considerações que apoiam essa questão.

O Tempo da cólera e Tempo do fim, além das disputas do Rei do Norte com o Rei do Sul, se encontram no capítulo 11 e 12. No capítulo 11, o anjo explicou Daniel que o reino da Pérsia seria conquistado pelo rei da Grécia; depois da morte deste, o reino seria dividido em quatro partes, entregues a quatro reis. Em seguida, haveria guerra entre a Síria e o Egito, que duraria muitos anos. Finalmente o rei da Síria derrotaria o rei do Egito e invadiria Israel e outras países, mas no fim seria morto. O capítulo 12, termina com a mensagem do anjo anunciado quando viria o fim. Tudo esta nas mãos de Deus, e ele recompensará aqueles que continuarem fiéis a ele.

#### **4 CONCLUSÃO**

O Livro de Daniel termina com a mensagem do anjo anunciando quando viria o fim. Apesar disto, a própria Bíblia relata que o fim certo só cabe a Deus, o qual recompensará aqueles que continuarem fiéis a Ele. No Antigo Testamento, esta é a mais clara referência à ressurreição de bons e maus, também é a primeira vez que a expressão “vida eterna” ocorre na Bíblia.

Segundo o livro de Daniel, Deus é o rei, e sua vontade será feita. Nenhum poder humano pode prevalecer contra Ele, e, no fim, ele derrotará as forças do mal e reinará



sobre todos. Muitos do que tiverem morrido viverão de novo. Uns terão a “vida eterna”, outros sofrerão “castigo eterno”. E o livro termina com a promessa a Daniel de que, no fim, ele ressuscitará e receberá a sua recompensa.

## REFERÊNCIAS

Dave Hunt, Editora: Chamada da meia noite, 1996. "Quanto tempo nos resta? Provas convincentes da volta iminente de Cristo"

J. Dwight Pentecost, Editora: Vida. “Manual de Escatologia: uma análise detalhada dos eventos futuros"

N. Lawrence Olson, Editora: CPAD 6ªEd. "O plano divino através dos séculos"

Paulo Nogueira, Editora: Brasiliense. “O que é Apocalipse”

Theodor Haarbeck, 13ª Editora, 1987, Distribuidora Literária União Cristã. "Está Escrito. (Dogmática Bíblica)"

Tim LaHaye - Editora: Hagnos ( Edição :Almeida Corrigida Fiel (ACF)). Bíblia de Estudo Profética.

Walter Brueggemann, Editora: Paulinas, SP 1983. “A imaginação profética”.